

BORGES, Maria Zélia. **Coleta de cores: uma ode a Minas Gerais**. São Paulo: SGuerra, 2004.

Maria Helena de Moura NEVES¹

Com a invocação da qualidade de “mineiro”, e fazendo eco a ilustres mineiros, a Professora Elisa Guimarães começa a sua apresentação desta obra afirmando que Minas não sai dos mineiros e que cada mineiro leva Minas consigo aonde for.

Do lado de cá, os que não somos mineiros nos regozijamos com essa “mineiridade” que acompanha os da terra até para marcar a lembrança do que possa parecer limitação, como a lembrança de uma “visão do horizonte barrada pela Serra do Curral” (p.15), aquela visão de que fala Autran Dourado. E nos regozijamos porque fomos aprendendo a ver, nas Letras de Minas, e especialmente em Guimarães Rosa, que existe alguma coisa de criação mineira completando a criação divina.

Senão, vejamos: neste livro que acaba de sair a lume, em que uma mineira diz que faz coleta de cores (que a natureza distribuiu prodigamente lá por suas terras), o que se faz, na verdade, é coleta de criações (tipo de coleta que um mineiro com certeza aprende cedo a fazer, porque lá está para sempre instalado um celeiro de criações).

Se mineiro “põe nas coisas as cores que tem por dentro”, como diz o mineiro Antônio Marcos Noronha (p.48), a mineira Maria Zélia sabe como ninguém ir buscar esse “por dentro” nos nomes das coisas, e, especificamente, ir buscar o que há de sentido e sentimento nos próprios nomes que se possam dar às cores das coisas.

O finca-pé da busca neste livro está, sabiamente, na metáfora, que, entretanto, não é vista nem é posta, marginalmente, como recurso,

¹ Departamento de Pós-Graduação em Letras – Universidade Mackenzie-UPM – 01302-907 – São Paulo-SP, Brasil. E.mail: mhmneves@mackenzie.com.br.

Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras-UNESP – 14800-901 – Araraquara-SP, Brasil. Pesquisadora do CNPq. E.mail: mhmneves@uol.com.br.

expediente ou figura de estilo, mas é entendida como nada menos que a essência da linguagem natural, espontânea e criativa, tanto mais criativa quanto mais entregue ao fazer metafórico, no mínimo demiúrgico, senão, mesmo, Divino. Afinal, como diz Drummond referindo-se a Portinari – e a autora lembra –, o artista completa “o que escapou à fadiga da Criação” (p.26).

É uma assunção que fica ainda mais forte quando é de Guimarães Rosa que se fala. É aí, então, que aquilo que, na tradição de estudos estilísticos, se tem dito ser “conotação”, algo que implica vagueza, fluidez, pura imaginação, magicamente se transforma em precisão, uma “precisão micromilimétrica”, como a define, quando fala de seu objeto de busca, o próprio Guimarães Rosa (p. 25). *Azul asa-de-gralha, azul água longe, azul lagoa funda, azul céu destapado* (p.48-49) nunca foram nem nunca serão expressões denotativas, portanto nunca foram nem serão puras denominações descritivas de uma cor, e, no entanto, cada leitor “vê”, pintado em preciso lápis de cor, esse azul que o poeta lhe dá em metáfora, não importa se o que cada leitor retira da caixa seja um diferente lápis de cor azul, já que a mágica está em que a precisão, na verdade, é cada um mesmo que a cria, por ação da palavra poética. Paradoxalmente, pois, nesse caso, definição que vem de dentro – em princípio pura subjetividade – é mais do que exata, e isso porque há um demiurgo que, com palavras (*Aaaave, palavra!*, digo eu), a arranca da zona de onisciência e de verdade que cada um tem dentro de si.

Tudo isso nos faz ver em seu texto Maria Zélia Borges, que insiste na busca rosiana de “definir o tom preciso de uma cor” (p.134), e, ao mesmo tempo, insiste na base metafórica das criações “precisas” do poeta, por exemplo, para o vermelho, “cor de guelras de traíra” (p.134), e, para uma cor nem nomeada, e que é o próprio leitor que terá de estabelecer, “moças cor de madrugada” (p.56).

Há de ser dito, em contraparte, que nem só de mineiridades e de poesia se faz o livro: ele também traz ciência, quando se vale rigorosamente da lexicologia, da morfologia e da etimologia para catalogar cada item da preciosa coleta empreendida. Mas digamos que isso qualquer excelente pesquisador, qualquer bem formado especialista chegaria a fazer, debruçando-se incansavelmente sobre o dizer rosiano, como o fez Maria Zélia Borges. Entretanto, com certeza esse debruçar da pesquisadora e especialista não buscava prosaicamente uma catalogação, uma

sistematização, um armazenamento simplesmente bem aparatado de denominações de cores do viver mineiro, caso contrário o livro não se auto-intitularia *Ode*, e essa aprendiz de demiurgo, ao abrir sua obra dizendo que pretendeu fazer colheita de cores na obra de Guimarães Rosa, não deixaria manifesto que onde ela põe sua fé é no "canto e plumagem" (p.23) das palavras.

Será que os mineiros, que tão facilmente vêem essas coisas, foram feitos nascer em Minas para garantir a Guimarães Rosa interpretantes à sua altura? E que nós cá ficamos de fora para aplaudir essas mineiridades?